



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS (TEL)
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVA LITERATURA

AMAURI FERNANDO DE ALMEIDA

**DOIS IRMÃOS: A ADAPTAÇÃO DA OBRA DE MILTON HATOUM EM
QUADRINHOS, VISTA PELA PERSPECTIVA DA INTERMIDIALIDADE,
UM BREVE RELATO.**

Brasília, DF

2016

AMAURI FERNANDO DE ALMEIDA

**DOIS IRMÃOS: A ADAPTAÇÃO DA OBRA DE MILTON HATOUM EM
QUADRINHOS, VISTA PELA PERSPECTIVA DA INTERMIDIALIDADE,
UM BREVE RELATO.**

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Professora-Doutora Maria Isabel Edom Pires

Brasília, DF

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E
RESPECTIVA LITERATURA

ALMEIDA, Amauri Fernando de¹
PIRES, Maria Isabel Edom²

**DOIS IRMÃOS: A ADAPTAÇÃO DA OBRA DE MILTON HATOUM EM
QUADRINHOS, VISTA PELA PERSPECTIVA DA INTERMIDIALIDADE,
UM BREVE RELATO.**

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma comparação entre o livro *Dois Irmãos* (2000), do escritor Milton Hatoum, e a sua adaptação em história em quadrinhos (HQ), dos autores Fábio Moon e Gabriel Bá, sob a perspectiva da intermedialidade. Neste sentido, para realização do presente trabalho foi dada ênfase à configuração da casa, mostrando a relação existente entre os seus personagens e o local em que habitam e, ainda, a ascendência e a decadência dessa família libanesa, utilizando para isto elementos da história do Brasil, da arquitetura local, da geografia local, da psicanálise e também do espaço local da cidade de Manaus.

Palavras-chave: Estudos Interartes; intermedialidade; quadrinhos; identidade, Manaus.

ABSTRACT

The purpose of this article is to make a comparison between the book *Dois Irmãos* (2000), of the writer Milton Hatoum, and their adjustment in comics, of the authors Fábio Moon and Gabriel Bá, under the perspective of interarts studies. In this sense, to carry out this work was emphasized the Lebanese home setting, showing the relationship between its characters and the place where they live (the house) and even the ascendancy and decadence of this Lebanese family, using for this components of history of Brazil, the local architecture, geography, psychoanalysis, and also the space of Manaus.

Keywords: interarts studies; interrelations of literature; cartoon; identity; Manaus.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, da Universidade de Brasília – UnB, amaurifalmeida@live.com.

² Professora-Doutora, da Universidade de Brasília – UnB, Orientadora da Matéria “Monografia em Literatura” (150690).

1. INTRODUÇÃO

A proposta do presente artigo é realizar a comparação da obra *Dois Irmãos*, do escritor Milton Hatoum, com a sua adaptação em HQ, escrita pelos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá, abordando o conceito da intermedialidade e avaliando de como essa relação é trabalhada pelos autores ao longo da obra.

Como fundamentação teórica para realização do presente trabalho serão analisados os conceitos de intertextualidade e de intermedialidade com auxílio dos teóricos Claus Clüver, Walter Moser, Irina Rajewsky, entre outros, fazendo uma análise da obra e da sua transposição para a linguagem dos quadrinhos, com ênfase nos aspectos visual e narrativo.

2. SOBRE OS AUTORES E SOBRE A RECEPÇÃO DA OBRA

2.1. Biografia dos Autores

Milton Hatoum³ nasceu em 1952, em Manaus (Amazonas), onde passou a infância e uma parte da juventude. Em 1967 mudou-se para Brasília, onde estudou no Colégio de Aplicação da UnB. Morou durante a década de 1970 em São Paulo, onde se diplomou em arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, trabalhou como jornalista cultural e foi professor universitário de História da Arquitetura. Em 1980 viajou como bolsista para a Espanha, onde morou em Madri e Barcelona. Depois passou três anos em Paris, onde estudou literatura comparada na Sorbonne (Paris III). Autor de quatro romances premiados, sua obra foi traduzida em doze línguas e publicada em catorze países.

Foi professor de literatura francesa da Universidade Federal do Amazonas (1984-1999) e professor visitante da Universidade da Califórnia (Berkeley/1996). Foi também escritor residente na Yale University (New Haven / EUA), Stanford University e na Universidade da Califórnia (Berkeley); e bolsista da Fundação VITAE, da

³ Biografia. Página oficial do Escritor Milton Hatoum. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/biografia/a-historia-do-autor>. Acesso em: 7 jun. 2016.

Maison des Ecrivains Etrangers (Saint Nazaire, França) e do International Writing Program (Iowa/EUA).

Em 1989, seu primeiro romance *Relato de um Certo Oriente*, publicado pela Editora Companhia das Letras, ganhou o prêmio Jabuti de melhor romance. Em 2000, publicou o romance *Dois Irmãos* (prêmio Jabuti – 3º lugar na categoria romance/indicado para o prêmio IMPAC-DUBLIN), eleito o melhor romance brasileiro no período 1990-2005 em pesquisa feita pelos jornais *Correio Braziliense* e *O Estado de Minas*. Em 2001, foi um dos finalistas do Prêmio Multicultural do Estadão, por conta da publicação de *Dois Irmãos*. Em 2005, seu terceiro romance, *Cinzas do Norte*, obteve o Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA-2005, Prêmio Jabuti/2006 de Melhor romance, Prêmio Livro do Ano da CBL, Prêmio BRAVO! de literatura. Em 2008, recebeu do Ministério da Cultura a Ordem do mérito cultural. Em 2010, a tradução inglesa de *Cinzas do Norte* (*Ashes of the Amazon*, Bloomsbury, 2008) foi indicada para o prêmio IMPAC-DUBLIN.

Em 2008, publicou seu quarto romance, *Órfãos do Eldorado*, Prêmio Jabuti – 2º lugar na categoria romance. *Órfãos do Eldorado* faz parte da coleção *Myths*, da editora escocesa Canongate. Em 2009 publicou o livro de contos *A cidade ilhada*. Em 2013, publicou o livro *Um solitário à espreita*, uma seleção de crônicas publicadas em jornais e revistas. Todos os seus livros foram publicados no Brasil pela editora Companhia das Letras, cujas vendas ultrapassam trezentos mil exemplares.

Hatoum publicou também ensaios e artigos sobre literatura brasileira e latino-americana em revistas e jornais do Brasil, da Espanha, França e Itália. Alguns de seus contos foram publicados nas revistas *Europe*, *Nouvelle Revue Française* (França), *Grand Stree* (Nova York) e *Quimera* (México). Participou de várias antologias de contos brasileiros publicados na Alemanha e no México, e da *Oxford Anthology of the Brazilian Short Story*. Em parceria com o filósofo e crítico literário Benedito Nunes, publicou *Crônica de duas cidades: Belém e Manaus*, em 2006, pela SECULT-PA.

Os Irmãos **Gabriel⁴ Bá e Fábio Moon⁵** são quadrinistas brasileiros, nascidos no estado de São Paulo, em 5 de julho em 1976, já tendo produzido por quase 20 anos histórias em quadrinhos para o mercado brasileiro e internacional. O primeiro

⁴ Site da Wipédia Enciclopédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_Bá. Acesso: em 7 jun. 2016.

⁵ Site da Wipédia Enciclopédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fábio_Moon. Acesso: em 7 jun. 2016.

trabalho notável dos dois foi o *Fanzine 10 Pãezinhos*, criado em 1997, no estilo *underground*, que chegou a 40 números e rendeu muitos elogios aos dois. O último livro dos quadrinistas *Daytripper* estreou em primeiro lugar na lista de mais vendidos do Jornal *NY Times*, tendo sido publicado em doze idiomas e ganhado os prêmios Eisner Award e Harvey Award (E.U.A.), o Eagle Award (Reino Unido), o prêmio de melhor *Bande Dessinée* no festival *Les Utopiales*, em Nantes, e entrou na seleção oficial do *Festival International de la Bande Dessinée d'Angoulême 2013* (França). Publicam a tira *Quase Nada* aos sábados na Folha de São Paulo. Seus trabalhos já foram publicados nos EUA, Itália e Espanha. Os quadrinistas são os primeiros brasileiros a ganharem o Prêmio Eisner de quadrinhos.

Além das obras acima citadas, publicaram os livros: *O Girassol e a Lua* (2000, Via Lettera); *Meu Coração, Não Sei Por Que* (2001, Via Lettera); *CRÍTICA* (2004, Devir); *Mesa para Dois* (2006, Devir); e *FANZINE* (2007, Devir). As revistas *ROCK'N'ROLL* (2004), em parceria com Bruno D'Angelo e Kako; *Um Dia, Uma Noite* (2006); e *5* (2007), em conjunto com a americana Becky Cloonan, o grego Vasilis Lolos e o gaúcho Rafael Grampá, tendo esta última revista ganhado o Eisner Award 2008 de melhor antologia, junto com a HQ digital *Sugarshock*, escrita por Joss Whedon. Em 2015, lançaram uma nova HQ, *Dois irmãos*, baseada na obra homônima de Milton Hatoum.

2.2. Resumo do livro *Dois Irmãos*

O romance *Dois Irmãos* conta a história da relação conflituosa entre os irmãos Omar e Yaqub, filhos de Zana e Halim, imigrantes libaneses, que mesmo sendo gêmeos, são de temperamentos completamente diferentes. O mais centrado, Yakub, o mais velho e mais introvertido, calado, estudioso, mas muito ambicioso e Omar, um desregrado, não estudioso e boêmio, que leva uma vida cheia de aventuras regada com mulheres, bebidas e brigas. Os dois já eram rivais desde cedo, quando ainda na pré-adolescência surge na vida deles Lívia, fazendo com que passem a disputar o amor da menina. O ápice dessa rivalidade acontece no momento em que Omar vê a pretendida sendo beijada por Yaqub, durante uma sessão de cinema, ficando furioso, cheio de ódio, quando então ataca o irmão com uma garrafa, deixando-o com uma cicatriz no rosto, o que vai marcá-lo para o resto da vida.

Depois desse ocorrido, a família decide mandar Yaqub para o Líbano numa tentativa de acabar com a discórdia entre os irmãos, mas, após cinco anos naquele país, volta ao Brasil com mais ódio por Omar e com baixa estima pela família. Dessa forma, os irmãos não conseguem mais conviver em harmonia, tendo em vista que são movidos por essa rivalidade, que vai destruindo as relações pessoais e familiares, disseminando discórdia, inveja, vingança e ódio, fazendo com que as suas diferenças só aumentem ao longo dos anos.

A obra é narrada por Nael, filho de Domingas, um personagem que conta a história dessa família de libaneses, entre os anos de 1920 e 1960, revelando através de *flashbacks* cada um dos seus membros. Além dos dois protagonistas da história, destacam-se seguintes personagens: Halim com o seu amor apaixonado pela esposa; Zana, uma mulher intensa com os membros de sua família, mas que demonstra ser apaixonada apenas pelo seu filho caçula e faz de tudo para que ele se dê bem na vida, mesmo sabendo que ele está fazendo coisas erradas; e Domingas, uma empregada, de origem indígena, que chegou à casa ainda menina e que é mãe do narrador da história.

Além das cenas de ódio entre os dois irmãos, a obra fala também de Manaus no início do século XX, onde a trama se desenrola, mostrando a prosperidade e a decadência da cidade no decorrer dos anos.

2.3. A visão dos autores Gabriel Bá e Fábio Moon sobre a adaptação do livro Dois Irmãos para os quadrinhos.

Durante a divulgação da obra, os autores da adaptação em HQ deram vários depoimentos aos meios de comunicação sobre o trabalho realizado. Dentre tantos depoimentos/entrevistas, falaram da divulgação da obra: “*Há um ano estávamos lançando os Dois Irmãos, começando a maratona de eventos, divulgação, palestras, bate-papos que ocuparam nossos meses de 2015...*” (BÁ, 2016); da diferença existente entre as duas mídias trabalhadas: “*(...) descobrimos (comprovamos) o imenso abismo que existe entre os dois mundos, a quase inexistente troca entre eles, o fato de muitos dos que foram aos nossos eventos não terem lido a obra original...*”. (BÁ, 2016); e da dificuldade para realização do trabalho:

(...) Quando nos convidaram para adaptar o *Dois irmãos*, vimos que tínhamos uma grande história nas mãos, mas isso não era garantia de uma boa HQ (...)

(...) Foram várias leituras do livro, escrevemos três resumos da história até ter todo seu universo interiorizado, o drama de cada personagem, tudo pronto para começar a fazer escolhas, mudar coisas e realmente escrever o roteiro da nossa HQ. Junto com as várias releituras do livro, usamos uma técnica de roteiro que aprendemos no livro *STORY: substância, estrutura, estilo e os princípios de escrita de roteiros*, do Robert McKee (Arte & Letra Editora, 2006), chamada de **Step-Outline**⁶, onde o roteirista escreve um resumo de cada cena em um cartão, produzindo assim vários cartões, a fim de organizar suas ideias visualmente, ordenar sua história, mudar coisas de lugar. Começamos agrupando várias cenas por cartão, fomos estreitando, dividindo em momentos menores e mais pontuais. Acabamos com 37 cartões (...). (BÁ, GABRIEL, 2015).

2.4. A visão do autor Milton Hatoum sobre a adaptação do seu livro *Dois Irmãos para os quadrinhos*.

Sobre a adaptação da sua obra para o HQ Milton Hatoum, em depoimento ao *Portal D24am*, disse que a ideia aconteceu numa mesa de bar, numa das edições da Flip.

(...) A ideia ocorreu numa mesa de bar, numa das edições da Flip. O resultado ficou excelente. A dupla fez um recorte do romance. O essencial está lá. A linguagem é diversa daquela do livro. O desafio foi combinar desenho com texto. Às vezes, há páginas em que só o desenho se basta, não é preciso haver palavras ou balões. Achei lindo (...). (HATOUM, 2016).

Ainda no mesmo depoimento o autor de *Dois Irmãos* falou das impressões a respeito da adaptação “*A arte tem o trabalho de transfigurar a realidade, portanto se, no caso, o desenho fosse idêntico ao real, de que ele valeria?*”, comentou sobre o interesse dos leitores pela Manaus descrita na obra “*(...) O leitor vai reconhecer a cidade no trabalho dos gêmeos. Apesar da abstração de seus traços autorais, Manaus está muito bem representada e viva na história em quadrinhos(...)*” (HATOUM, 2016) e, ainda, sobre a originalidade da obra e da combinação existente entre palavras e imagens, disse:

(...) Achei um trabalho excepcional. O projeto todo durou cerca de quatro anos e eles souberam dar um ritmo impressionante à história. Ela tem uma cadência única, muito semelhante à do texto original, do qual eles mantiveram muitas coisas, inclusive diálogos. Obviamente que houve um processo de adaptação, mas ela foi feita de forma fidedigna que muito me agradou (...).

(...) Impressionante a combinação de imagens e palavras que os irmãos deram à obra, não imaginei ser possível. A harmonia entre elas é sentida a toda hora e a sequência de quadros frui como os capítulos da obra original (...).

⁶ Uma descrição passo-a-passo. É um relato detalhado de uma história com a intenção de transformá-la em um roteiro para um filme.

2.5. Recepção da adaptação do livro *Dois Irmãos* para os quadrinhos pela crítica e pelo público.

A adaptação da obra *Dois Irmãos* para HQ teve boa recepção pelo público e pela crítica especializada. Por meio de artigo, publicado na revista eletrônica *O Grito*, Paulo Floro (2015), escreveu:

(...) A densidade da obra de Hatoum foi contornada com maestria por Moon e Bá, quadrinistas acostumados a retratar a vida privada brasileira e cujo traço traz um equilíbrio entre o detalhismo quase contemplativo e o minimalismo. Na HQ, os autores precisaram explicitar muito do que no livro é apenas sugerido, como a relação quase incestuosa da mãe, Zara, pelo filho mais novo e a distância que o pai, Salim, nutria por ambos. Outras nuances também foram desnudadas através da narrativa em quadrinhos, entre elas o complexo jogo de poder na casa da família...

Já a jornalista Tereza Barros (2015) publicou no Blog *Altamente Ácido* uma série de comentários a respeito da adaptação.

(...) os desenhos acompanham a cronologia da história, o desenvolvimento real da capital amazonense e cada evento histórico que a cidade presenciou (...). (...) Os quadrinistas traduziram muito bem alguma parte dessa essência árabe, tanto nos traços dos rostos e corpos, quanto na maneira de apresentá-los ao leitor (...). (...) A trama é densa, mas a narrativa em quadrinhos consegue de algum modo conferir certa delicadeza, desafogando um pouco o leitor da tensão. Esta combinação bem feita entre drama, temas polêmicos e suavidade do ritmo da história é o que torna a versão dos quadrinistas tão brilhante. Os traços de Moon e Bá combinam tão bem com o tom da história que faz parecer que o romance foi escrito para os quadrinhos (...). (...) Essa adaptação não é apenas uma transcrição do livro de Hatoum, é uma releitura bem construída da obra original em um **meio diferente**, aproveitando todos os recursos que os quadrinhos proporcionam. Assim como em seus trabalhos anteriores, Moon e Bá fazem cada página valer a pena (...).

2.6. Metodologia e Apoio Teórico

Para realização do presente artigo, na comparação da obra de Milton Hatoum *Dois Irmãos* com a sua adaptação para HQ, foi trabalhado o conceito de intermedialidade, neste caso estudando, uma mídia específica – literatura, fluindo para outra – literatura em quadrinhos.

O termo intermedialidade, aqui abordado, trata de um conceito amplo, que se situa além dos estudos interartes, de um espaço híbrido entre duas mídias, literatura e HQ, enquadrando-se no que o pesquisador **MOSER (2006)** esclarece: “(...) a relação entre as artes, por implicação, comporta sempre, também, questões intermediáticas, mesmo que estas não sejam assim explicitadas, considerando-se que toda arte inclui a “midialidade”. Para chegar ao resultado esperado, o texto da obra original

passou pelos processos de transposição midiática e de adequação à nova mídia (HQ), ao seu público-alvo e ao estilo dos irmãos Moon e Bá, autores da adaptação. O reconhecimento dessa aproximação e da transposição intermidiática é importante para que o leitor possa compreender que na HQ os personagens originais se ajustam ao estilo do adaptador e o texto adequa-se ao público alvo, com uma nova dimensão. Assim, a transposição intersemiótica é uma das formas de intermedialidade que possibilita a apropriação de elementos de uma obra para a adaptação e transformação dos mesmos na formação de um novo texto, criando uma nova produção. Ou seja, ocorre a “*interpretação de signos verbais por meio de signos não-verbais*”, ou ainda, como ensina o teórico comparatista Claus Clüver:

(...) um texto que se aproxima do texto-fonte de ‘traduction intersémiotique’, como um caso especial de ‘transposição intersémiotique’ que normalmente abrange itens mais autônomos. (...) o conceito de tradução intersemiótica soa melhor se restringido a textos (em qualquer sistema signico) que, em primeiro lugar, oferecem uma reapresentação relativamente ampla (mesmo que jamais completa) do texto-fonte composto num sistema signico diferente, numa forma apropriada, transmitindo certo sentido de estilo e técnica e incluindo equivalentes de figuras retóricas; e, em segundo lugar, que acrescentem relativamente poucos elementos, sem paralelo no texto-fonte. **(CLÜVER, 1997, p. 42- 43).**

Clüver fala de Intermidialidade, como um termo que abrange toda a tradição dos estudos comparados das artes, bem como as novas inter-relações entre as diversas mídias:

Assim, não apenas por razões de intraduzibilidade para línguas como o alemão (este causa dificuldades consideráveis num discurso internacional), mas antes, ainda, devido à insuficiência da designação usada até agora, parece oportuno buscar uma denominação mais adequada para o conceito geral, que abranja todo o campo de estudo. A combinação de “artes e mídias”, com a qual já nos deparamos, bem como o termo “intermedialidade”, já corrente no âmbito científico alemão, sugere a escolha deste ou de outro nome bem semelhante para uso internacional. Intermidialidade diz respeito não só àquilo que nós designamos ainda amplamente como “artes” (Música, Literatura, Dança, Pintura e demais Artes plásticas, Arquitetura, bem como formas mistas, como Ópera, Teatro e Cinema), mas também às “mídias” e seus textos, já costumeiramente assim designadas na maioria das línguas e culturas ocidentais. **(CLÜVER, 2008, p. 18).**

E define esse termo como:

(...) um fenômeno abrangente que inclui todas as relações e todos os tópicos e assuntos tradicionalmente investigados pelos Estudos Interartes. Trata de fenômenos transmidiáticos como narratividade, paródia e o leitor/espectador/auditor implícito e também os aspectos intermidiáticos das intertextualidades inerentes em textos singulares. **(CLÜVER, 2008, p. 224).**

Os estudos intermediários que tratam das relações entre as artes/mídias, procuram mostrar como as novas releituras de obras clássicas, abordadas com novas estruturas linguísticas, que podem ser verbais ou não verbais, ganham relevância no campo da literatura comparada, bem como as teorias que lhe servem de ferramentas, em destaque a intertextualidade.

Teorias de intertextualidade resultaram na percepção de que intertextualidade sempre também implica intermedialidade, porque pré-textos, inter-textos, pós-textos e para-textos sempre incluem textos em outras mídias. Um só texto pode ser objeto rico para estudo da intermedialidade. (CLÜVER, 2008, p. 222).

Para compreender um pouco mais o conceito comparatista e a relação entre o que chamamos de textos, e a sua adaptação, que é um texto apresentado em outro formato, Clüver indica que:

Independente dos tipos de textos e formas de relacionamentos envolvidos e dos interesses de estudo, a inclusão direta ou indireta de mais de uma mídia com diversas possibilidades de comunicação e representação e de vários sistemas sígnicos, bem como códigos e convenções a eles associados, lança continuamente questões sobre a base comparatista e as relações analógicas nas funções e efeitos dos meios encontrados (2011, p. 14).

O estudo da adaptação de uma obra literária para os “quadrinhos” é algo que se insere, então, no campo dos Estudos Interartes, no qual são utilizadas teorias da intertextualidade e da adaptação para analisar os elementos específicos dessas relações.

3. DESENVOLVIMENTO

Ao realizarem a transposição do romance *Dois Irmãos* para a versão em HQ, os autores **Fábio Moon** e **Gabriel Bá** inovam com uma narrativa gráfica mais solta em relação aos personagens, eliminando elementos característicos das histórias em quadrinhos, com novas formas, parecendo terem captado a essência psicológica de alguns personagens, deixando o trabalho com um desenho leve, talvez não compromissado em ter uma precisão com a obra original. Dessa forma, o novo trabalho atinge uma autonomia em relação ao texto-fonte, transformando-o de acordo com a nova forma de representação, conforme apregoa Clüver (1997, p. 42):

Resenhas críticas de uma ópera, descrições de uma pintura num catálogo de leilão e análises em livros de história da música substituem os textos que verbalizam e não costumam divergir intencionalmente (...).

(...) a maioria delas tende a atingir autonomia em relação ao texto-fonte, o qual transformam de acordo com as necessidades do texto literário onde funcionam.

A leveza presente na adaptação em quadrinhos fica caracterizada nos traços das personagens da história, em cenas que mostram a decadência da família libanesa, a desagregação da casa, a mudança radical da cidade de Manaus, os sentimentos de vingança, de ódio, de raiva, o estupro, a exclusão e a luta por inclusão daqueles que são alijados de seus direitos. Os autores fazendo uso estético do preto e branco inovaram com um traço em que o seu ponto forte é jogo de sombra e luz nos momentos mais tensos da narrativa, o que dá uma forte dramaticidade às cenas adaptadas. Sobre essa técnica utilizada, **Ceccarello (2015)** escreveu: “(...) *Estabelece-se uma mistura de traço cartoon retrô⁷ à la Shane Glines⁸, com toques de Bryan Lee O'Malley⁹ e pinceladas estilizadas de Warwick Johnson Cadwell¹⁰*”. Outra característica da obra que chama a atenção é a sua fidelização com o roteiro do livro original, com os autores utilizando a mesma estratégia de *flashbacks* da memória do narrador, o que ajuda a engrandecer a narrativa da história.

Sobre a relação entre as duas mídias aqui abordadas (literatura e quadrinhos) os irmãos quadrinistas falaram: “(...) *escrevemos três resumos da história até ter todo seu universo interiorizado, o drama de cada personagem, tudo pronto para começar a fazer escolhas, mudar coisas e realmente escrever o roteiro da nossa HQ*”. (**BÁ, 2015**). Em relação ao trabalho entre mídias **Moser (2006)** afirma que “(...) *Essa interação pode se situar nos níveis da produção, do artefato em si mesmo (a obra) ou ainda dos processos de recepção e conhecimento*”.

Para mostrar a presença da intermedialidade entre a obra original e adaptação em HQ, neste artigo, foi dada ênfase às cenas referentes à casa “*A nossa Casa*” (**MONN e BÁ, 2015, p. 22**), por ser este o cenário mais importante para o desenvolvimento da trama, onde toda a narrativa acontece, desde o seu apogeu à degradação, sendo o local em que todos os conflitos psicológicos e familiares das personagens da obra acontecem. O livro dos quadrinistas retrata as passagens do

⁷ Tipos de traços utilizados em HQ.

⁸ Shane Glines. Ilustrador, animador e designer de personagens. É o fundador da CartoonRetro.

⁹ Bryan Lee O'Malley. Cartunista canadense, mais conhecido pela série de Scott Pilgrim.

¹⁰ Warwick Johnson Cadwell. Ilustrador profissional trabalhando na ilustração editorial, design conceito, storyboards e arte narrativa.

cotidiano dessa família libanesa de forma fidedigna e foi nesse sentido que **BARROS (2015)**, em artigo publicado no blog “*Altamente Ácido*”, disse que: “Os traços de *Moon e Bá* combinam tão bem com o tom da história que faz parecer que o romance foi escrito para os quadrinhos (...)”. Dessa forma, a comparação da obra original com a sua adaptação em HQ só foi possível na medida em que foi realizada uma abordagem da relação das personagens, com seus conflitos, seus medos, e suas expectativas, à memória e ao espaço em que vivem.

Em sua dissertação de mestrado *A Casa Libanesa e o Universo Manauara: Uma Leitura Topoanalítica da Obra Dois Irmãos de Milton Hatoum*, apresentada ao curso de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia, **ASSIS (2010, p. 26)** afirma: “Ao olhar para um retrato, a mente humana nos transporta para um universo inalcançável e especial de nossa existência, lugar esse que nos identifica como indivíduos e nos constitui como seres únicos.”. **HATOUM (2015)**, enfatizando a força da casa, registrou no seu livro a epígrafe retirada do poema *Liquidação*, do livro *Boitempo I*, de Carlos Drummond de Andrade:

A casa foi vendida com todas as lembranças/
 todos os móveis todos os pesadelos/
 todos os pecados cometidos ou em vias de cometer/
 a casa foi vendida com seu bater
 de portas/ com seu vento encanado sua vista do mundo/
 seus imponderáveis.
(ANDRADE, 1979, 157).

Para materialização da casa, dos seus cômodos e dos seus objetos, os autores fazem uso das referências intermediárias que, segundo **RAJEWSKY (2005, p. 10)**, devem ser compreendidas como estratégias de constituição de sentido que contribuem para a significação total do produto, pela combinação bem feita entre drama, temas polêmicos e suavidade do ritmo da história.

Antes de falar do espaço casa, vale salientar o trabalho dos autores nas adequações das passagens mais significativas para o entendimento de todo o percurso da obra original, seguindo, portanto, a organização e o entrosamento cronológico dos acontecimentos, desde o prólogo até a conclusão, mostrando o cuidado que tiveram na adaptação dos termos e da linguagem em geral, bem como do cenário de outros elementos que representam a obra fonte. Com imagens bem definidas, já no início, nas duas primeiras páginas da narrativa (**MONN e BÁ, 2015, p. 2, 3**), o narrador apresenta os arredores de Manaus, trazendo o bairro portuário da cidade, com as suas pequenas embarcações, o casario típico do lugar e a rua em declive sombreada por mangueiras, com cenas que vão se delineando aos poucos,

mostrando que a caracterização dos aspectos externos da cidade é um dos pontos altos da obra, o que possibilita assim uma maior acessibilidade à compreensão de sua linguagem, aproximando o leitor do espaço da cidade.

Depois, nas cenas iniciais do prólogo da obra (**MONN e BÁ, 2015, p. 5 a 9**), mesmo sem a existência de diálogos, os autores, com o jogo de luz e sombra, fazendo uso de poucos e precisos traços em preto e branco e em algumas partes dos desenhos deixando espaços sem cores (branco), mostram figuras que dão um ar de nostalgia à narrativa: o céu nublado, parecendo um entardecer; o porto com os seus barcos atracados, dando a ideia de estarem em movimento em decorrência do fluxo das águas do rio; as ruas em declive, com o movimento dos carros; as árvores com as folhas caindo, sugerindo a estação do outono; a igreja, com os seus traços clássicos; e as construções do local, com a sua arquitetura, que remete às construções do ciclo da borracha.

A mostra da casa e dos seus cômodos em HQ é realizada de forma marcante pelos autores, com figuras impactantes, que dão às cenas referentes aspectos de realidade, em conformidade com o descrito na obra original. Assim, a casa aparece no capítulo 1 da obra, numa imagem atraente, como um casarão, de construção antiga, sugerindo uma arquitetura árabe, de fachada imponente, com dois andares, varanda, alpendre, 12 (doze) janelas (na frente e nos lados), jardim e rodeada de grandes mangueiras (**MONN e BÁ, 2015, p. 22**), demonstrando que os seus habitantes possuem boa condição financeira, o que é evidenciado pelo imóvel com uma estrutura arquitetônica majestosa, evidenciado, também, pelos móveis, objetos e decoração existentes no interior da casa: a cama, as cortinas, os quadros de parede, a mesa de refeições, o sofá, a cadeira de balanço, o tapete, o relógio de parede e os lustres, todos demonstrados pelos traços e sombras, como sendo objetos de boa qualidade. (**MONN e BÁ, 2015, p. 24, 25, 26 e 28**). Os demais espaços, também presentes no mesmo capítulo, estão dispostos de maneira a evidenciar no olhar do narrador as diferenças de personalidade existentes entre os membros da família: para Yaqub um quarto simples, sem adornos, apenas mobiliado com cadeira, escrivaninha e estante com livros, tudo organizado, combinando com a sua personalidade, de um jovem introspectivo, calado, com um futuro promissor, de um engenheiro. Já para o Omar, nada de quarto, nada de livros, nada de organização, mas a rede e o sofá (**MONN e BÁ, 2015, p. 39, 84 e 85**), locais onde

ele dorme e, também, se entrega às paixões, refletindo assim o seu comportamento impulsivo, desregrado, que só quer farra e noitadas.

Outro espaço na casa que merece destaque é a sala, pela mistura de elementos sagrados e profanos, sendo o sagrado representado pelo altar de orações, onde Zana e Domingas deixam as diferenças sociais existentes entre elas e juntas rezam, ajoelhadas, adorando a santa “(...) *As duas rezavam juntas as orações que uma aprendeu em Biblos e a outra no orfanato das freiras, aqui em Manaus*” (MONN e BÁ, 2015, p. 63), e o profano representado pelas festas, pelas estripulias amorosas de Halim e Zana e, também, pelos os encontros de Omar com as suas mulheres: “*A força de Dália começava no corpo e crescia no vestido todo vermelho, mais rebelde, sensual e sanguíneo que o da semente do guaraná. As luzes da sala se apagaram. E foi então que a noitada começou.*” (MONN e BÁ, 2015, p. 96).

Ainda em referência aos cômodos, dois elementos referentes a eles são bem retratados na adaptação e estão presentes em vários momentos da trajetória dessa família libanesa, que são a rede e o sofá. Sobre esses dois elementos, os autores fazem uso do jogo de sombra e luz nos momentos mais tensos, dando uma carga forte de dramaticidade às cenas em que os mesmos aparecem.

A rede, que na obra de Hatoum aparece como sendo vermelha, na adaptação aparece em preto e branco e tem presença forte em toda a narrativa, nos momentos de alegria, de luxúria, de tristeza, de rebeldia e de tensão, tudo muito bem caracterizado por meio dos desenhos, num jogo de traços e de sombras. Ela aparece: nas lembranças de Zana, nos seus momentos finais “*No alpendre, lembrava-se da rede vermelha do Caçula, do cheiro dele, do corpo que ela mesma despia na rede onde ele terminava suas noitadas.*” (MONN e BÁ, 2015, p. 10); na ocasião em que Halim encontra o filho Omar deitado na rede armada na varanda da casa, despreocupado com a vida: “*Vais passar a vida nessa rede imunda, com essa cara? Não se vexava, parecia um filho sem culpa, livre da cruz. Omar, mesmo calado, parecia dizer: Dane-se! Danem-se todos!, Vivo a minha vida como quero!*” (MONN e BÁ, 2015, p. 39); nos momentos sensuais, de amor e sexo, do casal Halim/Zana “*Concordava com tudo, desde que os assentimentos terminassem na rede...*” ; (MONN e BÁ, 2015, p. 61); nos momentos de ressaca do Omar, quando o mesmo aparece relaxado e dormindo numa rede grande: “*Já Omar era presente*

demais, seu corpo sempre ali no alpendre, num jogo entre a inércia da ressaca e a euforia da farra noturna.” (MONN e BÁ, 2015, p. 72); nos momentos de tensão entre os irmãos: “Zana temia o encontro dos filhos, uma explosão de insultos dentro de casa. Ela e Domingas ficavam de vigília e fizeram de tudo para evitar que Yaqub encontrasse o Caçula na rede vermelha.” (MONN e BÁ, 2015, p. 112); e por ocasião da morte de Domingas, em cenas sequenciais que sintetizam a tristeza de Nael ao encontrar a sua mãe morta dentro de uma rede (MONN e BÁ, 2015, p. 209).

Já o sofá, citado na obra original como sendo cinzento “...sentar no sofá cinzento...” (HATOUM, 2015, p. 60), aparece na narrativa em momentos de conflitos, de morte, de dor, de luto, de negociações erradas e de discussões. Esse móvel tão presente na vida da casa aparece em várias cenas importantes, que, dentre outras, merecem destaque: a cena triste da morte de Halim: “Lá pelas cinco da manhã, um ruído me despertou. Logo depois, escutei aquele grito medonho, Por que dormiste no sofá? Por que chegaste tão tarde? Halim? Halim? Ele estava quieto como nunca, Calado, para sempre.” (MONN e BÁ, 2015, p. 180 e 181); e a impactante cena que mostra Omar aparentemente descontrolado emocionalmente, apontando o dedo em riste para o velho morto e gritando: “Vais ficar aí, sem dizer nada?” Não vais acorrentar o teu filho?! Vais ficar aí com esse olhar de peixe morto?, Por que não te mexes e fala comigo??!” (MONN e BÁ, 2015, p. 184).

No início do Capítulo 4, aparecem cenas fortes, em tamanho grande, com poucos diálogos, retratadas em preto e branco, com traços soltos, caricatos e estilizados, com uso de recursos onomatopaicos, referente aos sons decorrentes da surra aplicada em Omar por Halim, ao encontrá-lo nu, deitado no sofá junto a uma mulher. As figuras mostram um pai enfurecido erguendo e arrastando o filho pelos cabelos, dando-lhe uma bofetada e depois o acorrentando nu junto à maçaneta do cofre de aço: “O quê? Pai, Eu... AAAAA PAAAAAAAAAAAAAAAAA..., TAPAAFF!!, POF”, CHINC CHINC (MONN e BÁ, 2015, p. 85, 86 e 87). Depois duas figuras (quadrinhos) são emblemáticas, ao comparar o latido de um cachorro que estava amarrado a uma canoa com os supostos gritos do Omar, que amarrado ao cofre, também uivava feito um cachorro: “Na extremidade do porto da Escadaria, amarrado a uma canoa, latia um cachorro, e babava, o vira-lata, de tanta agonia. Au Au Au Au Au Au Au Au. A visão do cachorro amarrado me remetia ao cativo de cara inflada. Au Au Au Au Au Au Au Au Au” (MONN e BÁ, 2015, p. 89).

Os quadrinhos que relatam a volta de Yaqub ao Brasil, depois de cinco anos vivendo no Líbano, passam os sentimentos de emoção, de alegria, de expectativas, de lembranças e de tristeza, em imagens que mostram a chegada do navio no porto do Rio de Janeiro, com a praça apinhada de gente, as bandeirolas enfeitando as janelas dos apartamentos, a expectativa de Halim de ver o filho, o desembarque dos passageiros e o demorado abraço de pai e filho **(MONN e BÁ, 2015, p. 12, 13 e 14)**, tudo bem trabalhado, nos traços, na sobreposição do preto com o branco e com um sequenciamento lógico, que por si só trazem uma série de informações que remetem o leitor à trama da história sem a necessidade de recorrer à obra original. A volta de Yaqub a Manaus em um avião da *Panair do Brasil S.A.* é marcada pela cena magistral do reencontro de Zana com o seu filho no aeroporto, mostrando toda a alegria da mãe, que parece ter recuperado uma parte da própria vida:

Zana os esperava no aeroporto desde o começo da tarde. Quando viu o bimotor prateado aproximar-se, subornou um funcionário e irrompeu na cabine. Meu querido. Meus olhos! Minha vida!". Por que tanta demora? O que fizeram Contigo? Vamos descer. Yaqub não para de vomitar. Só faltou pôr tudo pra fora. Mas ela não cessou os afagos. Radiante, era como se tivesse reconquistado uma parte de sua própria vida. **(MONN e BÁ, 2015, p. 16).**

Já em Manaus, durante o trajeto entre o aeroporto e a casa, aparecem as imagens de um Yaqub preso ao passado, com lembranças da sua infância, do bairro flutuante de Manaus, das brincadeiras com o seu irmão, quando soltavam pipas e subiam em árvores, e, principalmente, das lembranças do último baile do Carnaval no casarão dos Benemou. Sobre esse baile, a adaptação foi disposta em duas páginas inteiras, em figuras em que a disposição dos traços e sombras mostram: uma festa com luzes e brilho, evidenciadas nos claros; danças e movimentos, pelos traços sinuosos; alegria, pelos traços das bocas e dos braços; sensualidade, pela posição dos corpos juntos; fantasias, pelos traços das roupas; e decepção, no rosto do Yaqub:

Para Yaqub, é como se a infância tivesse terminado aos treze anos, no último baile de Carnaval no casarão dos Benemou. O baile dos jovens havia começado antes do anoitecer. Às dez os adultos entraram fantasiados, cantando, pulando e enxotando a garotada. Seria a primeira noite de Lívia na festa dos adultos, e Yaqub queria ficar para pular abraçado com ela, sentir-se quase adulto com ela, Esperou a irmã dormir e voltou correndo ao casarão dos Benemou., Odiou o baile., Foi uma noite insone., Foi seu último baile, quer dizer, a última vez que viu o irmão chegar de uma noite de arromba... **(MONN e BÁ, 2015, p. 20, 21 e 22).**

Yaqub demonstrava tristeza de ter sido ele e não o irmão o escolhido para viajar ao Líbano, conforme registrado nas imagens do seu rosto, aparentando mágoas com os seus pais: "*nunca entendeu por que foi ele, e não o irmão, que viajou pro Líbano dois meses depois.*" (MONN e BÁ, 2015, p. 22). A sua chegada à casa, em Manaus, foi marcada por cenas de alegria e de reencontro (MONN e BÁ, 2015, p. 22 e 23), quando a sua irmã Rânia o esperava ansiosamente na porta da casa "*Ele chegou? Meu irmão chegou?*", seguido por um longo abraço dos dois, depois as figuras mostram Yaqub procurando Domingas "*Onde está Domingas?*" encontrando-a no quintal, onde lhe dá um abraço. (MONN e BÁ, 2015, p. 23 e 24). Aqui vale destacar a casa de fundos, pequena, anexa à casa libanesa, local de morada de Domingas e do seu filho Nael, o que demonstra o aspecto de agregado dos dois, de não fazerem parte da família. Ao entrar no seu quarto, as figuras revelam um Yaqub emocionado, com um olhar triste, ao ver na parede um quadro com a fotografia dele e do irmão brincando em um tronco de árvore e ao ver, também, na escrivaninha uma fotografia do irmão sentado numa bicicleta. Depois observa uma coleção de livros na estante e pela janela, em duas figuras, uma de frente e outra de costa, ele aparece pensativo olhando o mundo exterior (MONN e BÁ, 2015, p. 25 e 26).

As cenas referentes ao reencontro dos dois irmãos são caracterizadas em figuras com traços que mostram os mesmos distantes, com rostos tensos e com a família fazendo um brinde a esse momento: "*Yaqub, vem cá..., vem abraçar o teu irmão. De agora em diante, a vida vai melhorar. Tudo melhora depois de uma guerra. Um brinde ao fim da guerra e à volta de Yaqu. E à volta de Yaqub.*" (MONN e BÁ, 2015, p. 28 e 29). Aqui, mais de que em toda a narrativa, o uso do preto e branco é de uma grande assertiva dos autores para mostrar a dualidade existente entre os esses dois personagens. O abraço não acontece, mostrando que a guerra continua entre os irmãos.

Outras cenas chamam a atenção pela fidedignidade à obra original, como a história da cicatriz no rosto de Yaqub, contada ao narrador da história por Domingas "*Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz.*" (MONN e BÁ, 2015, p. 29) e as cenas de amor e sexo protagonizadas pelo casal Halim e Zana, que são especiais e muito representativas, jamais soando gratuitas, vulgares ou pornográficas, pois são tratadas pelo texto e pela arte dos autores com muita naturalidade "*Domin-*

gas se assustava com o estardalhaço que os patrões faziam na hora do amor. Com o tempo, acabou por se acostumar com os dois corpos acasalados, que não tinham hora nem lugar para o encontro.” (MONN e BÁ, 2015, p. 63).

Uma passagem marcante do livro é a cena em que o gêmeo Omar, após ter destruído o espelho preferido da mãe, com raiva por ela ter acabado com seu último romance, aparece a ela abraçado, diante dos pedaços do espelho partido, onde estão refletidas partes de uma imagem, que pelos traços, parecem ser de uma mulher, talvez a imagem da sua mãe Zana. Os traços mostram um Omar com aspecto sujo, maltrapilho, sem forças, careca e barbudo, abraçado a sua mãe, que ainda aparenta elegância e a imponência de uma mulher que sempre sobrepôs a sua vontade sobre a do filho: *“No fundo, Omar era cúmplice de sua própria fraqueza..., ...de uma escolha muito mais poderosa que ele. Preferiu as putas e o conforto do lar a uma vida humilde ou penosa com a mulher que amava. Um fraco...” (MONN e BÁ, 2015, P. 155).*

Esse imbricamento das artes aqui presente, entre o original da obra *Dois Irmãos* e sua adaptação em HQ, mostra *“como a literatura interage com as outras artes e não apenas articula sua própria midialidade, mas também configura a questão da intermidialidade.” (MOSER, 2006).*

Dentro desse ambiente da casa, uma representação que merece destaque na obra dos irmãos **Moon e Bá** é sobre Domingas, que é descrita como a cunhatã mirrada, meio escrava, meio ama, que ainda jovem veio de um orfanato para trabalhar na casa de Halim e Zana: *“Na época em que abriram a loja, uma freira ofereceu-lhes uma órfã, já batizada e alfabetizada. Domingas, uma beleza de cunhatã.” (MONN e BÁ, 2015, P. 62).* Ela não é membro da família, mas sim uma empregada doméstica, que trabalha na casa e vive, juntamente com o seu filho Nael, num quartinho localizado nos fundos. **(MONN e BÁ, 2015, p. 83).** Figuras na obra mostram Domingas realizando as tarefas domésticas, como cozinhar, servir, lavar pratos e arrumar os quartos **(MONN e BÁ, 2015, p. 70, 71, 108, 131 e 193)** que, em consequência, a deixam enfadada: *“Uma vez enervada, enfadada pela rotina, pediu a Zana para passar o domingo fora.” (MONN e BÁ, 2015, p. 75).* Domingas também teria sofrido violência sexual pelo Omar, conforme revelação feita por ela ao seu filho Nael: *“Com o Omar eu não queria.”; “Uma noite ele entrou no*

meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalhado..., ... Ele me agarrou com força de homem..., Nunca me pediu perdão.” (MONN e BÁ, 2015, p. 208).

Nael, o narrador da história, tem a sua identidade revelada no capítulo 3: *“Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A Origem. As origens. Anos depois desconfiei. Um dos gêmeos é meu pai?” (MONN e BÁ, 2015, p. 73).* Cenas referentes a ele aparecem em desenhos em que o seu rosto está marcado por traços e sombras (MONN e BÁ, 2015, p. 70, 74 e 82), que o mostram como sendo uma pessoa angustiada, em aflição, na procura da sua verdadeira identidade e na luta pelo pertencimento a essa família libanesa: *“Omissões, lacunas, esquecimentos, o desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembranças... ... de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio”.* (MONN e BÁ, 2015, p. 85).

O desmoronamento da casa já é retratado no preâmbulo da obra com quadros, em preto e branco, que mostram uma casa vazia, o lugar que foi palco das tragédias familiares, o que imprime à narrativa um clima fatalista, de mau agouro. A cena que mostra Zana abandonando a casa é marcada por tristeza e nostalgia: *“Antes de abandonar a casa, Zana via o vulto do pai e do esposo nos pesadelos das últimas noites.” (MONN e BÁ, 2015, p. 9),* depois outra cena mostra os seus momentos finais, quando ela aparece solitária no portão do casarão, olhando para a sala fechada e escura: *“Zana teve de deixar tudo, O bairro portuário de Manaus, a rua em declive sombreada por mangueiras centenárias... ...O lugar que para ela era quase tão vital quanto a Biblos de sua infância.” (MONN e BÁ, 2015, p. 9).*

Outras passagens na obra mostram a decadência da casa. A morte de Halim, já descrita acima e o golpe final de Yaqub, excluindo Omar do negócio da construção de um hotel em parceria com o indiano Rochiram, conforme mostrado em figuras, onde o ponto forte é o domínio da luz e sombra, que retratam o envelhecimento da Zana, mostrando-a com rugas de expressão, já fraca, triste e amargurada pela incapacidade de ver os filhos juntos e em harmonia: *“... O caçula ia ter uma ocupação, um trabalho... Eu tinha certeza. O Omar perdeu a cabeça, foi traído pelo irmão. Estragou tudo. O sonho de Zana desfeito. Ver os filhos juntos, numa harmonia impossível.” (MONN e BÁ, 2015, p. 200 e 201).*

A morte de Domingas é marcada por cenas em que o Nael aparece demonstrando toda a sua tristeza com a perda da sua mãe: *“Minha mãe e meu avô.*

Eles que vieram de tão longe para morrer aqui. A casa foi se esvaziando..., ... e, em pouco tempo, envelheceu.” (MONN e BÁ, 2015, p. 210). Depois ele aparece solitário, após a venda da casa, mostrando que, ao término da narrativa, somente ele ficou como a memória viva de todos aqueles membros da casa que se foram: *“Fiquei sozinho na casa, eu e as sombras dos que aqui moraram. O Senhor absoluto, mesmo por pouco tempo, de um belo sobrado nas redondezas do Manaus Harbour.” (MONN e BÁ, 2015, p. 214).*

O capítulo 11 da obra é marcado por uma série de figuras emblemáticas que imprimem à narrativa um clima fatalista com a passagem de vários dos dramas desenrolados na trama: A morte de Zana quando o filho Caçula estava foragido: *“Não chegou a ver a reforma da casa. A morte a livrou desse e de outros assombros.” (MONN e BÁ, 2015, p. 216);* a transformação da casa, em Casa Rochiram, em uma figura que, mesmo em preto e branco, recebeu um tratamento de traços e sombras, atribuindo à construção variações de luz e brilho, estes evidenciados pelas partes claras do quadro: *“A noite de inauguração da Casa Rochiram foi uma festa de estrondo, cheia de políticos e militares de alta patente. Diz que veio gente importante de Brasília e de outras cidades.” (MONN e BÁ, 2015, p. 216);* a prisão do Omar, já velho, perambulando pelas ruas de Manaus, que acontece com violência policial, conforme as cenas em que aparece sendo esmurrado e depois arrastado para dentro de um carro da polícia: *“Omar foi condenado a dois anos e sete meses de reclusão” (MONN e BÁ, 2015, p. 219 e 220);* as indagações de Nael sobre a sua origem: *“Hoje penso: sou e não sou filho do Yaqub... ... e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida.” (MONN e BÁ, 2015, p. 222);* e por fim, a mesma cena que aparece no capítulo 1 da obra, em que a família de Halim e Zana aparece unida, agora, em outro contexto, para, ironicamente, mostrar a não continuidade da família, tendo em vista a morte de alguns dos seus membros e a falta de novos descendentes: *“O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos.” (MONN e BÁ, 2015, p. 223).*

Pontos marcantes na obra original, não explorados pelos quadrinistas, são as partes referentes à relação que os irmãos Yaqub e Omar mantinham com a irmã Rânia, o que sugere uma relação incestuosa entre eles, conforme nesta passagem:

Ela mimava os gêmeos e se deixava acariciar por eles, como naquela manhã em que Yaqub a recebeu no colo. As pernas dela, morenas e rijas, roçavam as do irmão; ela

acariciava-lhe o rosto com a ponta dos dedos, e Yaqub, embevecido, ficava menos sisudo. Como ela se tornava sensual na presença de um irmão! Com esse ou com o outro, formava um par promissor. (HATOUM, 2015, p. 87)

Dessa forma, não há na presente obra quadrinhos relacionados à suposta relação incestuosa entre os irmãos. Em contrapartida, os autores, numa página inteira, com fotografias onde os traços remetem ao sensualismo, deram ênfase as cenas de sexo, entre Nael e Rânia: “*Aquela noite foi uma das mais desejadas da minha vida*” (MONN e BÁ, 2015, p. 222).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a comparação da obra *Dois Irmãos* com a sua adaptação em HQ, procurei abordar os conceitos da intermedialidade e demonstrar como essa relação é trabalhada pelos autores Fábio Moon e Gabriel Bá, ao longo da obra, ressaltando que esse processo de criação dos quadrinhos, atrelados à literatura, vêm ganhando força junto ao público leitor, não sendo mais vistos como uma produção marginal e de qualidade inferior. Apesar dessa ascensão, isso não pode ocorrer mediante o processo inverso de desvalorização da literatura e das suas potencialidades narrativas. Nessa transposição intersemiótica, as adaptações de literatura para quadrinhos devem ser encaradas como uma das formas de intermedialidade que possibilitam a apropriação de elementos de uma obra para a adaptação e transformação dos mesmos na formação de um novo texto, com nova forma artística e com uma linguagem própria, estabelecendo um novo olhar sobre uma mesma história.

O saldo geral da adaptação, portanto, é positivo. A transposição destaca-se pela utilização de traços bem soltos, estilizados, em preto e branco e com o domínio da luz sobre sombra, numa combinação do texto com a arte, fazendo uso também de recursos onomatopaicos (MONN e BÁ, 2015, p. 41, 86, 87, 89, 99, 100), o que dá agilidade à narrativa e às figuras dos quadrinhos e movimento às cenas representadas. Por fim, vale ressaltar o cuidado dos autores da obra em não deixar de fora da representação em HQ nenhuma das demais personagens da trama, uma vez que na obra original tiveram papel relevante e, por isso, todas tiveram aparições em proporções equilibradas, evitando passar pela história como meros figurantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo I*. 3 ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015.
- ASSIS, Júlio Cezar Ferreira de, *A Casa Libanesa e o Universo Manaura: Uma Leitura Topoanálítica da Obra Dois Irmãos, de Milton Hatoum*. Uberlândia, 2010. <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/1938/1/CasaLibanesaUniverso.pdf>>. Acesso em: 23 de junho de 2016.
- BÁ, Gabriel. *Novas leituras e a história de um roteiro*, 11 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.blogdacompanhia.com.br/tag/milton-hatoum/page/2/>>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- BÁ, Gabriel. “*Blog do Fábio Moon e do Gabriel Bá, Quadrinistas, Contadores de Histórias, Brasileiros*”, 19 abr. 2016. Disponível em: <<http://10paezinhos.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- BARROS, Teresa. Publicação de artigo no Blog “*Altamente Ácido*”, em 2015. Disponível em: <<http://altamenteacido.com.br/review/critica-dois-irmaos-de-fabio-moon-e-gabriel-ba-2/>>, acessado em: 4 jun. 2016.
- CECCARELLO, Vera. “*Dois Irmãos, novo passo da HQ brasileira*”, 25 jun. 2015. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/em-dois-irmaos-novo-passo-dos-quadrinhos-brasileiros/>>. Acesso em: 4 jun. 2016.
- CLÜVER, Claus. Publicação do artigo “*Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos*”, na Revista “*Literatura e Sociedade*”, Nº 2, 1997, ISSN: 2237-1184, da USP. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/issue/view/16>>. Acesso em: 29 jun. 2016.
- CLÜVER, Claus. *Inter textus/ Inter artes/ Inter media*. In: Revista Aletria. Belo Horizonte. Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários. v. 6, p. 1-32, jul.-dez, 2006. p. 11 – 41. Disponível em: http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_14/ale14_cc.pdf.
- FLORO, Paulo. Publicação de artigo na revista eletrônica “*O Grito*”, em 1º julho 2015. Disponível em <<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2015/07/01/critica-hq-dois-irmaos-de-fabio-moon-e-gabriel-ba/>>, acessado em 4 jun. 2016.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HATOUM, Milton. Depoimento no site “*SP Review*”, 26 maio 2016. Disponível em: <<http://saopauloreview.com.br/depoimento-milton-hatoum-fala-sobre-adaptacoes-de-sua-obra-para-hq-cinema-e-tv/>>. Acesso em: 4 jun. 2016.
- MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. *Histórias em Quadrinhos*, adaptação baseada na obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. – 1ª ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015.

MOSER, Walter. “*Aletria: Revista de Estudos de Literatura ISSN 1679-3749 (impressa) / ISSN 2317-2096 (eletrônica)*”. In: *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1358>. Acesso em: 23 junho 2016.

RAJEWSKY, I. O. *Intermediality, Intertextuality and Remediation: A Literary Perspective on Intermediality*. *Intermedialités/ Intermedialities*, n. 6, 2005, p.43-64. Tradução de Thais F.N. Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis. p.1-23.

MCKEE, Robert. *STORY - Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro*. Curitiba. Arte & Letra Editora. 2006